

Missão Cruls

Aqui o tempo não tem vez

A cidade de Goiás do século 21 em muito se parece com a Vila Boa do final do século 19. E, hoje, ela tem orgulho de sua história



RENATO ALVES
ENVIADO ESPECIAL

Wanderlei Pozzembom

Goiás (GO) - A cidade de Goiás, distante 135 quilômetros de Goiânia e 340 quilômetros de Brasília, não é muito diferente da época em que a Missão Cruls passou por lá, há 111 anos. Os prédios e ruas fotografadas por Henrique Morize, o autor das fotos do Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central, continuam de pé, praticamente intactos. Alguns apenas foram encobertos pelas árvores ou receberam nova pintura.

Conhecer Goiás é entrar no universo dos bandeirantes que desbravaram o sertão brasileiro, dois séculos antes de Cruls e sua turma passarem por lá para demarcar o quadrilátero onde seria construída a nova capital. Os carros da moderna comissão de pesquisadores — que saiu do Rio de Janeiro no último dia 11 para refazer o percurso de Cruls — destoam do cenário. As ruas estreitas, calçadas por pedras irregulares e cercadas por casas simples, de janelões, ainda predominam na cidade.

Goiás cresceu graças à ocupação dos bandeirantes em busca do ouro que brotava nas margens do Rio Vermelho, que corta a cidade. A corrida dos bandeirantes à região, em que teve o Arraial de Sant'Ana — fundado por Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera) — como primeiro povoado, chamou a atenção dos portugueses. Em 1736, o Império fundou a Vila Boa de Goiás (que depois passou a se chamar apenas Goiás) para cobrar impostos, combater o contrabando de ouro e defender o território dos colonizadores espanhóis.

A região de Vila Boa era tão promissora que passou a ser sede da recém-fundada capitania de Minas de Goiás — posto que só perdeu com a inauguração de Goiânia, em 1933. Porém, o ouro durou pouco. Até a segunda metade do século 18, e os bandeirantes exploraram outras regiões do país. A cidade entrou em decadência econômica. Atualmente, ela tem cerca de 30 mil habitantes, metade do que chegou a ter nos tempos áureos.

Quando a Missão Cruls desembarcou em Goiás, em 1892, com sua comitiva de mulas e cavalos, a cidade vivia um período de plenitude. Livre da gana dos bandeirantes, o município passou a crescer em um ritmo mais



ARTISTA DA RUA

FRANCISCO AUGUSTO REPRODUZ EM SUAS TELAS O PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE: DINHEIRO PARA COMPRAR UM COMPUTADOR

lento, bem parecido com o mantido pelos moradores atuais. A praça em frente à igreja ainda é o ponto principal da cidade, que dorme cedo e acor-

da mais cedo ainda.

A passagem da nova Missão Cruls por Goiás foi, até agora, a mais prestigiada de toda a expedição. O palá-

cio Conde dos Arcos — residência oficial do governador na época em que a cidade era capital — ficou pequeno para tanta gente. Meninos, es-

tudantes, jovens, velhos, senhoras, autoridades, todos queriam saber o que fazia ali aquela gente diferente e quem era o tal Cruls. Mesmo com o calor intenso, os nativos não saíram do salão onde os especialistas respondiam as suas perguntas. "É muito legal saber que a nossa cidade foi importante na construção de Brasília", comentou Risoneide de Oliveira, 28 anos, estudante secundarista.

Depois da enchente

O título de Patrimônio Cultural da Humanidade, dado pela Unesco no final de 2001, reforçou na população local a consciência da importância da cidade de Goiás para o estado, o Brasil e o mundo. A paixão pelos prédios históricos é demonstrada por artistas de toda idade em quadros e esculturas, oferecidos aos visitantes nos hotéis e lojas de artesanato.

Francisco Augusto, 14 anos, é um dos artistas locais que se inspiram no patrimônio para pintar telas e cerâmicas. Com o dinheiro da venda de suas obras, ele compra material escolar, roupas e calçados. "Agora, estou juntando dinheiro para comprar meu computador", conta o menino. Francisco é um dos 132 alunos da escola de arte Veiga Valle, criada há 30 anos pelo estado de Goiás.

Ela é mantida pelos próprios alunos, de 8 a 80 anos, que compram o próprio material e doam parte das obras para a instituição. O estado paga apenas os professores. Apesar das dificuldades, aumenta a cada dia o interesse da comunidade pela escola. "Parece que a enchente do ano passado comoveu a cidade, que hoje luta, também por meio da arte, para preservar e divulgar nossa história", ressalta a professora e diretora da Veiga Valle, Regina Célia Damaceno, 50 anos.

Na virada de 2001 para 2002, Goiás sofreu uma terrível enchente. As das chuvas desceram pelas matas devastadas da serra que circunda a cidade para o Rio Vermelho. Com o leito ocupado no perímetro urbano por casas construídas de forma irregular, o transbordamento foi inevitável. A parte mais rica, histórica e culturalmente, acabou debaixo d'água, como a casa onde morava a poeta Cora Coralina. Quase dois anos depois da enchente, a cidade conseguiu recuperar quase todo o seu patrimônio e retomar sua vida normal.

O REPÓRTER RENATO ALVES E O FOTÓGRAFO WANDERLEI POZZEMBOM VIAJAM DE DOBLÔ ADVENTURE, CEDIDO PELA FIAT AUTOMÓVEIS



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

O UNIVERSO NO QUINTAL

Chegou a hora da verdade: fez as contas, decidiu pagar o cheque especial, zerar o cartão de crédito e começar de novo. (O bom da vida é quando a gente pode conjugar o verbo começar de novo tantas vezes quantas forem necessárias. Começar de novo é um verbo provido de *animus* próprio. Há nele um sopro de renascença, um lastro de futuro).

Porém, não será de começar de novo nem de orçamento doméstico que esse pé de página vai tratar. Vou ancorar meu modesto varquinho de pala-

bras num tema que está angustiando larga fatia da classe média brasileira — não vai sobrar dinheiro para a viagem de férias. Tenho pegado carona em conversas de terceiros cujo grande drama é o de não se ter dinheiro para a passagem de avião menos ainda para pousada na beira da praia.

Desenhei então um plano de voo para um mês de férias em Brasília. Me imaginei outra eu, uma não-eu indiferente a essa baboseira de patrimônio da humanidade, de arquitetura modernista, de cidade nascida de uma utopia. Me fiz de prisioneira de Brasília, por longos 30 dias detida entre as quatro paredes geográficas desse quadrilátero esquisito planta-

do no centro do mapa.

O que fazer? Marcar os dias na parede da cela, choramingar meu destino sofredor, maldizer a política brasileira e sua recorrente incompetência para nos tirar da lama?

Nelson Rodrigues, na sua radicalidade cortante, considerava o ato de viajar "a mais burra e empobrecedora das experiências humanas". E explicava: "O homem existe em função do vizinho, da rua, das esquinas que ele percorre, dos credores, dos fornecedores, paisagens. Quando o homem se separa disso, ele deixa de existir. Sou um homem da minha rua, do meu bairro, da minha cidade, não viajo para fora do Brasil e nem para dentro do Brasil."

Era um homem singular esse Nelson Rodrigues. Ribeiro Couto preferiu uma versão mais lírica para o tema: "Todas as viagens são lindas, mesmo as que fizeres nas ruas do teu bairro. O encanto dependerá do teu estado de alma".

Quem já passou as férias em Brasília, teve ousadia de movimentos e largueza de espírito descobriu que viajar não é tão-somente ir de um lugar a outro relativamente distante.

O roteiro turístico básico de Brasília para brasilienses começa no Parque da Cidade, passa pelas duas trilhas da Água Mineral, a Capivara e a Cristal, e pode descambar para a Chapada Imperial, área particular próxima ao Parque Nacional, com rios cortando pare-

dões de pedra que quase tocam o céu.

O tour cruza o Ceasa nas quintas-feiras de manhã, com seu amontoado de flores cheirando a vontade de ser feliz. Joga sinuca no subsolo do Conic, vai à roda de samba do Calaf no sábado à tarde, come tambaqui assado nas barraquinhas da Feira do Guará, põe uma cerveja no isopor e vai ver o pôr-do-sol na Praça do Cruzeiro (de namorado, o céu fica mais esplendorosamente avermelhado), assiste a uma das missas milagrosas da cidade (na catedral Rainha da Paz, na Nossa Senhora do Perpétuo Socorro) e pede a Deus que o mês não acabe nunca, porque há muito mais o que fazer, mas a página acaba de acabar.